

***A cidade como experiência feminina:
o cotidiano da construção de Belo Horizonte em
fins do século XIX****

CYNTHIA GREIVE VEIGA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

RESUMO

O artigo discute as tensões sociais presente na construção da cidade de Belo Horizonte para instalação da nova capital de Minas Gerais. O estudo enfoca a presença feminina no cotidiano da cidade tendo como fontes documentais, jornal e literatura. No caso da literatura analisou-se o romance “A Capital” de Avelino Fóscolo, escrito em 1903 e inspirado no episódio da edificação da cidade com enfoque na personagem Lená. A personagem simboliza o progresso, a esperança na cidade e na republica, mas também as tensões na idealização urbana. As crônicas dos jornais possibilitam investigar os conflitos nas relações de gênero e problematizar, na produção da cidade, os “lugares de mulher”.

Palavras-chave: Cidade; Mulher; Cotidiano.

ABSTRACT

The article discusses the social tensions during the construction of Belo Horizonte, the new capital of Minas Gerais. The study empha-

sizes female presence in the routine of the city having as documental sources newspaper and literature. In the literature field, it was analyzed the novel “A Capital” from Avelino Fóscolo, wrote in 1903 and having the city construction as inspiration, focusing in the character Lená. The character represents progress, hope in the city and in the republic, but also tensions in urban idealization. The newspapers documents make possible research the tensions between genders and the production in the city, the “women’s places”.

Keywords: City; Woman; Daily Life.

*Bem-vinda seja, Dionesi
À Capital-oficina!
Á orquestra do trabalho
Una-se a orquestra divina ¹*

EM 30 DE SETEMBRO DE 1897 CHEGAVA A Belo Horizonte a notável violinista Giulietta Dionesi² sendo recebida pela alta sociedade belorizontina e por grandes elogios da imprensa. Inclusive, na ocasião o jornal *A capital* a homenageou com a quadrinha em destaque. Assim uma mulher foi o centro das atenções num local à época confundido com oficina de trabalho tendo em vista a intensa movimentação de operários, engenheiros e equipamentos para a instalação ali da futura capital de Minas Gerais. O primeiro concerto de Giulietta aconteceu no salão de festas do Grande Hotel em 4 de outubro, tendo sido a artista acompanhada do pianista e maestro Grossoni, seu marido, e o violoncelista e pianista Guilherme Bickerli. Compunham o repertório interpretações e composições de clássicos como Gottschalk (1829-1869) e Paganini (1782-1840).

Apesar da efusiva recepção ao grupo musical e da concorrência significativa de pessoas ao evento, não eram muitas as diversões existentes e muito menos a circulação de mulheres no então Arraial de Belo Horizonte. Originariamente chamado Arraial do Curral del Rei (1711), em 1890, o local foi renomeado Arraial de Belo Horizonte, por época do início das discussões sobre a escolha do sítio a ser erguida uma nova capital para Minas Gerais. Mas quando da inauguração, em 12/12/1897, mudou-se o nome para Cidade de Minas. Como não teve receptividade, em 1901, a capital novamente volta a chamar-se Belo Horizonte. No ano de 1890, estimava-se uma população de 4.000 habitantes

(Penna, 1997, p. 34). Durante o período de construção da cidade, 1894-1897, houve um afluxo significativo de pessoas à localidade. Assim em 1899 tem-se o registro de 12.000 habitantes aproximadamente (Penna, 1997, p. 60).

Há muitos estudos sobre a história de Belo Horizonte³, seja do período da construção da Capital ou mesmo posteriormente. Entretanto, poucos debatem questões de gênero ou trazem reflexões a respeito das mulheres na cidade. Contudo, é preciso chamar a atenção para o fato de que pesquisas sobre Minas Gerais na primeira metade do século XIX destacam o número significativo de mulheres chefes de domicílio e/ou com ocupação de trabalhos vários, como costureiras, rendeiras, fiandeiras, bordadeiras (Seminário sobre a Economia Mineira, 1990). No caso do ofício de professora, em fins do século XIX as mulheres já ocupavam a maioria das cadeiras de instrução elementar.

Em se limitando aos documentos relativos à construção da Capital, diríamos ser Belo Horizonte, nos seus anos iniciais, uma cidade “quase sem mulheres”. O mesmo ocorre nas duas produções mais clássicas sobre a história da cidade, ambas escritas por homens, Abílio Barreto (1995) em obra de 1936 e Paulo Krüger Mourão (1970). Também nos jornais o registro sobre as mulheres é rarefeito. Neste conjunto de documentação onde estão as mulheres? O que fazem? Quem são?

Este artigo pouco contribuirá para responder a tais questões. Elas apenas são pretexto para pensar a experiência feminina na cidade, mas de um modo peculiar – apreendendo o imaginário urbano de Lená, protagonista do romance *A Capital* do escritor Avelino Fóscolo (1864-1944) e publicado em 1903.⁴ Este livro foi escrito inspirado na mudança e construção da Capital de Minas Gerais. Assim, por meio da narrativa da escola literária realista Fóscolo nos leva a captar o cotidiano do ainda arraial até o dia da inauguração da cidade-Capital. O drama vivido pela personagem Lená nos instiga a problematizar inúmeras questões, entre elas: o lugar das cidades na sociedade ocidental de fins do século XIX e as tensões da experiência urbana feminina na dinâmica relacional com os homens. Especificamente, os conflitos presentes na construção da nova Capital.

O texto foi organizado em três itens. Num primeiro, apresentam-se alguns indicadores de discussão conceitual relativos à história e literatura e questões de gênero na escrita da história; em seguida, problematiza-se a cidade como expressão de progresso e realização; no terceiro item, abordam-se as relações de gênero na idealização urbana.

A Capital: um romance

— Vai à Capital? perguntou

— Vou sim.

— Também eu e muito contente pela boa companhia. Assim tenho com quem conversar... Vou apreciando a boa prosa do colega. Grande porcaria a tal Capital... uma verdadeira bandalheirópolis!

A ladroeira passeia infrene e nós outros, a classe do comércio, temos medo daquilo. Vamos e venhamos! Sou muito inimigo de censuras! Mas estávamos em condições financeiras para tal tolice? É uma nova La Plata, verás. E que tem feito o governo para remediar o mal? interrogou, sacudindo fortemente o braço do ouvinte (Fóscolo, 1979, p. 64).

ESTE DIÁLOGO É TRAVADO ENTRE O CAIXEIRO viajante Berrini e o negociante João da Cunha, na locomotiva que os levará à futura Capital, Belo Horizonte. No decorrer do texto, percebe-se que não se trata tanto de um diálogo, mas do monólogo insistente de Berrini, contrariado com as mudanças trazidas pela República e a forma como as alterações econômicas trouxeram-lhe prejuízos para os negócios. Os passageiros do trem, em geral, pouco davam atenção ao discurso do caixeiro viajante ou, então, estabeleciam uma interlocução muda com as opiniões por ele emitidas.

Entre eles, um se destacava, não por falar muito, mas por escutar e compreender-se com Berrini – era João da Cunha. Ambos guardavam uma similitude no entendimento dos riscos trazidos pela modernidade e pelo progresso. De outro lado, a fala insistente de Berrini incomodava profundamente dois outros passageiros, Sérgio, irmão de Cunha e Lená, esposa deste. Cunha e Lená eram mineiros e haviam se casado em condições adversas. Lená, filha de um rico fazendeiro, de noivado com um médico, havia sido violentada pelo primo mestiço e ficara presa às ameaças de impedimento da realização do casamento pretendido, tanto por coação do primo, como pela gravidez inesperada.

Posto o fato, o pai, por vingança, mutila a virilidade do caboclo e acaba por aceitar a proposta de Cunha de desposá-la. A família evitava uma inconveniência social e o pretendente saíria ganhando com o rico dote da esposa. Lená, sem o amor do médico, que se suicidara ao saber do acontecido, e devido à gravidez, embora posteriormente venha a perder o bebê, aceita casar-se com Cunha, sem nunca tê-lo amado, mas era uma saída para sua situação. O casal inicialmente vai morar em Sabará.⁵

Com os problemas de mão-de-obra para a agricultura, oriundos da Abolição, Cunha, a exemplo de muitos outros, havia comprado propriedades na futura Capital a conselho do irmão e do sogro, e lá se instala mais precavido do que entusiasmado. Por sua vez, a esposa Lená deposita na mudança de cidade a esperança do começo de uma nova vida, sem o tormento das lembranças do passado.

Sérgio, o irmão de Cunha, é radicado no Rio de Janeiro e, em uma visita do casal a esta cidade para tratamento de saúde, acerta sua vinda para Belo Horizonte e se instala como sócio do irmão em uma casa comercial. É nessa viagem que tem lugar a fala de Berrini. Sérgio e Lená compartilham das mesmas impressões durante toda a viagem, o que, posteriormente, os tornam cúmplices de uma aventura amorosa desastrada. Para Lená, a vida na futura capital representava novos parâmetros, novas perspectivas, novas relações e encontrava em Sérgio um aliado para suas esperanças. Já para este, acostumado à urbanidade do Rio de Janeiro, a mudança abria caminho para riqueza, lucros e empreendimentos.

Cunha, mais resguardado, se torna cada vez mais avesso aos alvoroços em torno da Capital. Sua transferência para Belo horizonte tinha basicamente como intenção conquistar o amor nunca correspondido da mulher. Após uma exaustiva viagem, aos poucos, delineia-se a cúpula da Estação Ferroviária, o pórtico da Capital.

[...] Cunha encolhia-se a um canto, para não ver de perto aquele pesadelo, o horror do dinheiro ali enterrado, Sérgio e Lená, punham-se a mirar, com as cabeças a se encontrarem quase, confundindo os hálitos, e nos olhos o contentamento estrelajante a fitarem o primeiro degrau do que eles pregavam a opulência, o progresso mineiro. Nem viam em torno as cafuas, as casinholas achapanadas e horríveis.

— Muito original, muito! Exclamou Sérgio.

— É bela! Adicionou Lená.

— E para quê? para quê? pergunto-lhes eu agora, prorrompeu o Cunha, enterar uma estação tão rica num lugarejo destes?

— Mas é a entrada... Quem vem à Capital leva uma boa impressão...

— Se todos fossem como você: um moço sem experiência da vida. As pessoas sensatas, as que conhecem a respeitabilidade do Estado, reprovam essas despesas loucas.

— Pelo amor de Deus, cale-se! É preferível a dar uma má idéia, murmurou Lená aos ouvidos do esposo.

Ele passou os olhos em torno a ver se encontrava o Berrini que poderia substituí-lo tão bem: mas o caixeiro viajante lá não estava (Fóscolo, 1979, p. 70).

João da Cunha, Lená e Sérgio são os protagonistas do romance e na trama que envolve essas personagens estão misturados não somente suas trajetórias, mas também os fatos concretos ocorridos durante a construção da Capital. O autor recria as tensões do espetáculo ocasionado pela modernidade através das impressões, dos incômodos e das esperanças produzidos pelo reordenamento material e cultural em curso na edificação da cidade. Esta experiência esteve em sintonia com as reformas urbanas ocorridas no mundo ocidental ao longo do século XIX.⁶

Fóscolo era mineiro de Sabará, participou de companhias de teatro mamembe e escreveu peças e era também jornalista⁷. Estudou em Ouro Preto e Rio de Janeiro, sustentando-se com os ganhos no comércio, mas era acima de tudo autodidata, tendo inclusive aprendido o francês. Gostava da leitura de autores condenados pela Igreja como Guerra Junqueiro e Eça de Queiroz, sendo militante da Abolição, da República e, posteriormente, do anarquismo, o que o aproxima de outros textos, como os de Victor Hugo, Zola, Flaubert e Conte, mas também Tostoi, Reclus e Malatesta. As leituras de Fóscolo o colocam no seu tempo. Ao combinar autores com perspectivas distintas, participa da mesma elaboração crítica da cidade, comum aos literatos do século XIX.⁸

Quando escreve *A Capital* ele já havia se tornado um crítico do capitalismo e das mazelas republicanas. As personagens do livro transitam no enredo de forma que vão imperando, de um lado, as críticas acirradas ao progresso, à República, às desigualdades sociais e, de outro, à presença dos sonhos e das fantasias constituídas sobre um mesmo tema – a cidade.

No âmbito da discussão teórica e metodológica, a produção de um romance como fonte documental é parte da “revolução documental” das últimas décadas, e possibilita-nos ampliar nosso olhar sobre o objeto. De acordo com Sandra Pesavento,

A ficção não seria, pois, o avesso do real, mas também, mais uma outra forma de captá-lo, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...] Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta. Ou seja, a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, e o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa (Pesavento, 1995, p. 117).

Mas a literatura, tomada como fonte, deve ser submetida aos mesmos critérios de crítica utilizados nas demais fontes enquanto regra elementar do ofício do historiador: quem é o autor, lugar social de produção; necessidade de interrogar a fonte na perspectiva de “[...] não esquecer que as fontes só começam a falar a partir do momento em que as interrogamos, e que a qualidade das respostas que elas podem dar coincide com a qualidade das questões que se formulam” (François, 1998, p. 158). Observa-se ainda a necessidade de cotejar com outras fontes.

No caso, o romance de Fóscolo possibilitou-nos aproximar do cotidiano da cidade e da experiência urbana feminina. Também o tema do cotidiano é parte dos interesses mais recentes dos historiadores. No caso da construção da Capital de Minas Gerais, a literatura, incluindo as crônicas publicadas em jornais em circulação na cidade, nos dá a dimensão da especificidade da construção de Belo Horizonte e as tensões vivenciadas pela população. O que corresponde àquilo que Le Goff (1986) adverte como sendo o valor histórico e científico da escrita do cotidiano: explicar o funcionamento da sociedade no interior de um sistema histórico maior.

Mas também perguntamos ao romance sobre a experiência urbana das mulheres. Neste aspecto, duas dimensões conceituais se fazem presentes, experiência e gênero. E. P. Thompson foi um dos autores que reclamou da necessidade de se trazer para a história a “experiência humana”, na perspectiva de interrogarmos como as pessoas vivenciam situações em condições determinadas e como elaboram essas vivências em sua subjetividade e retornam para sua cultura (Thompson, 1981: 182). Outro autor, o sociólogo François Dubet (1996), reforça o conceito no sentido de salientar a experiência como uma sociologia da subjetividade.⁹ No caso, apostamos também na perspectiva de Norbert Elias (1994), no sentido de pensar a dinâmica de interdependência que organiza a sociedade. Assim, podemos avançar no sentido de pensar a experiência na interdependência humana.

Desse modo, a vivência das mulheres na cidade diz do seu lugar na sociedade, as múltiplas relações de interdependência a cada tempo e lugar, mas em especial a experiência nas relações de gênero. Também como um novo objeto na história, as mulheres vem sendo investigadas no sentido de desvelar seus lugares e suas condições de vida. A história das mulheres é antes de tudo uma história relacional (Duby & Perrot, 1995; Gonçalves, 2006). Desse modo, a história das mulheres na cidade é também a história dos homens.

A Capital: concretização da edificação

NA TRAMA DO ROMANCE, A PERSONAGEM JOÃO da Cunha é expressão do conservadorismo, acredita na aquisição da riqueza por métodos convencionais. Pensam como ele o professor aposentado Pinto e o médico charlatão Félix. Os três “matavam o tempo” no estabelecimento comercial de Cunha, discutindo sobre as situações por vir, sonhavam com recebimento de quantia avultosa na desapropriação, o que não aconteceu. Isso foi motivo para uma permanente crítica deles a tudo o que se referia àquele empreendimento. Tudo era culpa do progresso, da Capital!

Em sentido contrário, a aproximação de Sérgio e Lená se dava pelas vias da crença no progresso, na modernidade, a par da inescrupulosidade que Sérgio revela ao longo da trama. Seus interesses na nova Capital iam além das expectativas de Cunha de ajudá-lo no seu comércio. Assim afirmava,

— Estou resolvido a empregar parte do capital da firma em construções – casas modestas de aluguel... Dão melhor lucro e há menos perigo, menos trabalho, talvez. Que diz? Interrogava à Lená.

— Esplêndido! Um negócio da China, apregoam.

— Imaginem que uma casa de custo de cinco contos, produz duzentos mil réis mensais. Em que lugar do mundo se encontra disto? Qual o negócio capaz de tal percentagem? (Fóscolo, 1979, p. 124-125).

Para horror de Cunha, os negócios são levados adiante e pior, com total apoio de Lená. E aí o autor elabora crítica feroz à maneira como a nova lógica econômica, de ganhos fáceis e da busca inescrupulosa ao lucro se impõe. Sérgio, aos poucos, se dá bem: contrai dívidas, consegue empréstimos do sogro de Cunha, faz falcatruas com o dinheiro do irmão, e ainda consegue seu melhor negócio: casa-se com a irmã de Lená, Rosinha, e com um dote precioso.

Além dos conservadores e tradicionalistas do grupo de Cunha; do oportunista, especulador e inescrupuloso Sérgio, Fóscolo construiu a personagem Almeida. Passando um pouco à margem da trama central, Almeida respeitava as impressões de Cunha, colocava-se como superior às intenções corruptivas de Sérgio e tinha por Lená uma admiração toda especial,

Vangloriava-se de ser um homem culto, perlustrando ao longe a ascensão gradativa que o espírito humano segue na conquista da ciência absoluta que será,

também, a absoluta ventura. Fora conservador nos primeiros tempos, saltara depois para os arraiais republicanos e era agora socialista... mas socialista pensando para o anarquismo teórico – declamava – que era a sua leitura favorita (Fóscolo, 1979, p. 276).

Fóscolo e Almeida parecem ser um só em várias passagens do romance. O autor o descreve como um homem inteligente, grande lutador das causas da mudança da capital e um entusiasta do progresso, estabelecendo boas relações com os membros da Comissão Construtora e com políticos. Traz um olhar diferente do entendimento dos benefícios que a nova cidade poderia significar para a população do antigo arraial, ao possibilitar novas relações sociais. Por meio desta personagem, Fóscolo introduz uma questão comum entre liberais, positivistas, anarquistas e socialistas, resguardadas as suas diferenças – a dimensão formadora do trabalho.

Almeida via com contentamento as transformações do velho arraial, a presença dos operários, as terraplenagens, o desenvolvimento do comércio. Estava sempre envolvido em vários negócios – empresariava companhias de divertimentos e teatros, comprava e revendia lotes, fornecia material de construção para os engenheiros e, para desespero de alguns, falava da abertura de uma “loja salomônica”(sic), uma associação secreta para “pedreiros livres”. Fazia parte dos planos de Almeida a obtenção de uma concessão para instalação de uma linha de bondes elétricos, “[...] a única locomoção razoável, econômica, capaz de desenvolver e criar a grande cidade que castelamos”, além de um parque de diversões com jogos lícitos “amenizando nos dias de descanso as horas do povo que labora” (Fóscolo, 1979, p. 131). Também tinha um plano de criar uma “loteria dos pobres” como recurso para beneficência. No dia da inauguração da nova Capital, incomodado com o discurso formal dos oradores, pensava além e deixou escapar suas impressões: “—Qual! Um parlapatão... medalhão! Eu amo o progresso, idolatro a mocidade, o novo, o misterioso, o inacessível” (Fóscolo, 1979, p.168).

As personagens de Fóscolo dizem das tensões e conflitos vivenciados pelos antigos habitantes do arraial de Belo Horizonte, e também pelos que iam chegando. Estes eram desde operários a empresários e políticos de posses, nacionais e estrangeiros, todos envolvidos num grande e inédito empreendimento sem dúvida – transformar um pacato arraial numa Capital, monumento republicano.

As discussões sobre a mudança da Capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte ocorreram em diferentes momentos e envolveram muitas

disputas políticas: em 1789, na Inconfidência; ao longo do século XIX foram apresentados alguns projetos de mudança que ganham força com a República. Em 1891, instala-se, sob a presidência do engenheiro Aarão Reis, a comissão para a escolha do sítio a ser construída a nova Capital. Num rol de cinco localidades, o arraial de Belo Horizonte vence em disputa acirrada.¹⁰

Em dezembro de 1894, iniciam-se os trabalhos da comissão Construtora da Capital, dirigida por Aarão Reis até 1895, quando foi substituído, a pedido, por Francisco Bicalho. A apresentação definitiva da planta se fez em março de 1895 e sua fundamentação estava de acordo com a engenharia da época, segundo a qual várias reformas urbanas estavam em andamento ou já haviam ocorrido, tanto em Estados brasileiros, como outros países.¹¹ A planta dispôs no local do arraial três zonas: urbana, suburbana (separada por uma avenida de contorno) e “cinturão verde”, uma zona composta de sítios abastecedores de alimentos.

No traçado urbano de Belo Horizonte, observam-se formas distintas de compreensão da reorganização dos espaços urbanos, onde ficam evidenciadas aproximações com concepções progressistas e culturalistas.¹² Na prática dos arruamentos longos das avenidas e dos traços de geometrismo, as concepções se aproximam daquelas dirigidas para a reforma de Paris pelo prefeito Haussmann e do reformador de Viena, Otto Wagner, no sentido da abertura, da busca de luminosidade, da rua como percurso, do transporte como chave para o crescimento urbano. Outra inspiração para o geometrismo no traçado da zona urbana foi do projetista de Washington, o major Charles L'Enfant. A perspectiva culturalista está no traçado da avenida do Contorno, das praças e do parque municipal. De acordo com os argumentos de Camilo Site, praças e parques são espaços de elaboração do pertencimento à cidade (Schorske, 1988).

Iniciados os trabalhos de construção, desapropriação, demolições, inicia-se também uma história de novas relações de trabalho e novas relações proprietárias.¹³ A comissão construtora estabelece normas rígidas de controle do trabalho dos operários, embora nem sempre cumprisse seus deveres havendo, por exemplo, atrasos de pagamento entre outros problemas, além de intensa especulação imobiliária. A planta privilegiou funcionários públicos da antiga Capital transferidos para Belo Horizonte com lotes e casas gratuitos ou financiados em longos prazos e localizados no coração da zona urbana, próximo à Praça da Liberdade, junto aos prédios administrativos e centro político da cidade. Por sua vez, a rotina da construção implementou provisoriiedades para a maioria da população habitante da zona suburbana, onde se concentravam as cafuas habitadas por gente reputada como turbulenta.

Nos dizeres de Abílio Barreto, historiador que presenciou o empreendimento,

Já então o arraial ia assumindo aspectos de cidade. Aí já estavam funcionando a Coletoria Estadual, o Tribunal da Relação e a Repartição de Terras da Secretaria da Agricultura com o respectivo pessoal, instalado em casas próprias. Numa sofreguidão indescritível, iam-se rematando casa de funcionários e particulares, que eram logo ocupadas pelos que chegavam e pelos habitantes da localidade, cujas habitações desocupadas iam ser demolidas. As cafuas e barracões provisórios ainda enxameavam por toda parte, além de dois verdadeiros arraiais compostos daquela espécie de habitações – a Favela e o Leitão (Barreto, 1995, p. 652).

As mulheres na cidade

Uns homens magros, esgrouviados, amarelos, de feições melancólicas, olhos amortecidos, cabelos mal cuidados, unhas grandes, negros de pó, pés mal resguardados, em vestes insuficientes. As mulheres, porém eram bem conformadas em sua maioria destacando-se, apesar da singeleza do meio, da carência da arte tão necessária ao aformoseamento, algumas verdadeiramente belas (Fóscolo, 1979, p. 90).

DESSE MODO, FÓSCOLO DESCREVE EM seu romance os homens e mulheres de Belo Horizonte. Aliás, impressões semelhantes foram registradas pelos membros da Comissão Construtora em sua documentação e pelos cronistas dos jornais da época. Além dos comentários sobre o aspecto físico, era comum observação mais geral sobre o “inerte povo mineiro” ou sobre a “população turbulenta, nociva e perigosa” moradora de subúrbios.

Como sabemos, o século XIX era um tempo em que havia um grande diferencial no equilíbrio de poderes entre os sexos a favor do masculino segundo a perspectiva de Norbert Elias sobre relações de interdependência. Desse modo, nos códigos sociais dominantes, as mulheres se situavam como subordinadas aos homens e durante longo tempo o espaço público era de domínio masculino, pois a mulher pública constituía vergonha. Michelle Perrot afirma:

No espaço público, aquele da Cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função social, o homem público desempenha um papel importante e

reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder [...] o ‘espaço público’, amplamente equivalente à cidade, é um espaço sexuado, em que os homens e as mulheres se encontram, se evitam se procuram [...] O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático [...] Uma mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira (Perrot, 1998, p. 7-9).

Por exemplo, nas crônicas de Alfredo Riancho¹⁴, escritor do jornal “Minas Gerais”, o próprio procedimento de registro expressa a tensão masculino e feminino. Como dissemos, são poucas as referências às mulheres nos registros de jornais. No caso de Riancho, ele ao falar de mulheres, fala de lugares, aliás de “lugares de mulheres” (Perrot, 1998, p. 35-55).

As mulheres vão à Igreja, cantam em coros na missa, “todas as senhoras, ao entrar no templo, põem em cima da cabeça um lenço branco. Só conhecia este costume, por vê-lo na Itália meridional; mas afiançam-me que, em muitas outras localidades de Minas, existe igualmente” (Minas Gerais, 28/03/1894, p. 2). Vão à procissão, “[...] seguindo o pátio, caminham centenas de senhoras, com essas admiráveis e suaves festas de colorido no trajar e que jamais vi em parte alguma, e Deus sabe quanto tenho viajado!” (Minas Gerais, 26/08/1894, p. 3).

Vão às compras,

Às seis horas da manhã, quando o crepúsculo ainda conserva, em entoações violáceas, as cristas das montanhas, já se encontram senhoras passeando pelas ruas de Belo Horizonte [...] Há dias, por volta das seis horas da manhã, vi entrar para uma loja um rancho de senhoras, acompanhadas por um cavaleiro. Era o doutor Hermillo Alves e sua família, que procuravam exemplares da célebre louça de Caeté [...] (Minas Gerais, 18/04/1894, p. 1-2).

Ou também a bailes e chás,

[...] alimento do espírito, e para as senhoras o alimento do espírito são bailes, musicatas e reuniões de todo o gênero [...] apareceu em Belo Horizonte, uma lista cheia de nomes de membros da comissão [Comissão Construtora], subscrita com o fim de utilizar os momentos de ócio em dar bailes, reuniões, concertos, naturalmente epiloados por chá com doces e torradinhas, que nesta especialidade, são as senhoras mineiras mestras sabidas como nenhuma outras (Minas Gerais, 10/05/1894, p. 4).

Neste ambiente habita Lená. O que surpreende no romance de Fóscolo é a construção da personagem feminina no âmbito das relações de gênero, em sua história. As mulheres em geral rompem com o modelo de comportamento feminino: traem os maridos, são sensuais. Também o autor problematiza a moralidade burguesa bem aos moldes das críticas anarquistas. De acordo com Ane-Marie Sohn (1995), “[...] as elites desenham um retrato moral da mulher que valoriza a sensibilidade em detrimento da inteligência, o devotamento e a submissão em detrimento da ambição ou de especulações intelectuais que excedam suas forças e ameaçam a sua feminilidade” (Sohn, 1995, p. 117).

Lená é personagem adversa, defensora da modernidade, é a mulher que representa a República. O autor delineia esta personagem enquanto símbolo de um futuro pleno de potencialidades. As mazelas do período imperial e da escravidão estão representadas em Lená pelo sofrimento vivido na fazenda do pai – o estupro e o suicídio do amado. A personagem é esperançosa de que uma outra vida, a ser edificada noutro lugar, junto com a construção da Capital, lhe trouxesse a felicidade tão almejada. Lená,

Era antítese do marido; iam contrariando-se, paralelos sempre, mas em pólos diversos. Ela amava o progresso, o movimento, a vida, almejando uma capital ideal para o cérebro de Minas: muito grande, impulsionada à força potente da arte, da indústria, do comércio, erguendo-se soberana da modesta aldeia (Fóscolo, 1979, p. 85).

Contudo, para seu desencanto, a República se constitui por meio de práticas anteriores: alimentada por um amor interesseiro por parte de Sérgio, este buscou conseguir dela apenas os empréstimos necessários para bancar seus empreendimentos. Dessa forma, o casamento de Sérgio e Rosinha desperta Lená de um sonho tão almejado: a Capital, a modernidade, a nova vida.

Confundia na mente a Capital, o ser inerte a que emprestava uma alma, Cunha e Sérgio, como se um fosse o complemento indispensável do outro. Entretanto ambos desapareciam como nas visões do sonho, a cidade feérica tornando-se nebulosa, versando para um futuro longínquo, e ele, fugindo também, evitando-a quase... (Fóscolo, 1979, p. 188).

A morte posterior de João da Cunha, o casamento de Sérgio e sua irmã, o desaparecimento gradativo dos amigos de Cunha e das prosas constantes ocor-

ridas na casa de comércio, o erguimento de uma cidade cada vez mais estranha aos seus sonhos, o sentimento de ter envelhecido com o próprio sonho, tornam Lená uma pessoa amarga e desesperançosa. Ao final da trama ela volta para a fazenda do pai!

Considerações finais

No ÂMBITO DAS DISCUSSÕES SOBRE gênero, cidade e cotidiano podemos demarcar no século XIX dois movimentos extremamente tensos – as reformas urbanas e a elaboração de novas expectativas em relação ao comportamento feminino. No caso das reformas urbanas foram comuns nas mais diferentes cidades a demarcação racional dos espaços e projeção de seus habitantes, homens e mulheres, nas formas de se fixarem materialmente e culturalmente na cidade. A estereotipia em relação à população pobre, de hábitos grosseiros e desordeira, confronta com a idealização urbana de pessoas racionais, higiênicas, civilizadas. As cidades deste tempo redimensionaram os espaços públicos e privados, associando-os a comportamentos específicos e adequados à harmonia social.

Por sua vez, desde meados do século XVIII aos poucos se alterou o lugar da mulher na sociedade, com uma maior ênfase na sua função familiar e de administradora do lar. Elaboram-se novas expectativas do comportamento feminino – transformar o espaço privado da casa em um lar. Das mulheres esperava-se a reclusão e o recato. O espaço público segue sendo problemático para elas (Perrot, 1998). A interdependência entre homens e mulheres apresentou-se nitidamente com diferenciais de poder na direção masculina. Há de se destacar o avanço, na mesma época, das reivindicações das mulheres, apontando para a dinâmica tensa presente no movimento de sua exclusão pública e política (Gonçalves, 2006).

No cotidiano das cidades, as mulheres também elaboraram sonhos e esperanças, almejavam liberdade. Entre as mulheres burguesas, as artistas, as operárias, as prostitutas, apesar das diferenças profundas de seus lugares sociais, a cidade se opôs ao campo de modo radical – cada vez mais a cidade foi idealizada como lugar de progresso.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *A peste e o plano: o urbanismo sanitaria do engenheiro Saturnino de Brito*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1992.
- BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva – história média*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Século XIX: a elaboração de um mito literário*. História: Questões e Debates. Curitiba, v.7. n. 13. p. 209-244, dez. 1986.
- CHOY, Françoise. *O urbanismo, utopias e realidades: uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DUBET, François. *A sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FÓSCOLO, Avelino. *A capital*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979.
- FRANÇOIS, Étienne. Os “Tesouros” da Stasi ou a miragem dos arquivos. In BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GUIMARÃES, Berenice Martins e AZEVEDO, Sergio de (Org.). *Belo Horizonte em tese*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Urbanos/ UFMG, 1995.
- LE GOFF, Jacques. A história do cotidiano. In DUBY, Georges et alli. *História e nova história*. Lisboa: Editora Teorema, 1986.
- LOURÃO, Paulo Krüger Corrêa Mourão. *História de Belo Horizonte de 1897 a 1930*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970.
- PENNA, Octavio. *Notas cronológicas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Anos 90*. Porto Alegre, n.4, dez. 1995.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siècle, política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEMINÁRIO sobre a Economia Mineira: história econômica e demografia econômica: avaliação e perspectivas políticas públicas. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1990.

SOHN, Anne-Marie. Entre duas guerras: os papéis femininos em França e na Inglaterra. In THÉBAUD, Françoise (Org.). *História das Mulheres no ocidente: o século XX*. v. 5. Porto: Afrontamento, 1995.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VARIA História. *Belo Horizonte cem anos em cem*. Departamento de História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. n.18, nov., 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista-SP: Editora Universidade de São Francisco, 2002.

NOTAS

* Artigo submetido à avaliação em 10 de junho de 2009 e aprovado para publicação em 7 de julho de 2009.

¹ Jornal *A Capital*, 30/09/1897 (apud Barreto, 1995, p. 662)

² A violonista também se apresentou ao imperador D. Pedro II. Lilia Schwarcz assim registra o episódio ocorrido em 1889: “Em meio a esse ambiente tenso, no dia 15 de junho quando a família imperial saía do Teatro Sant’Ana depois de ter assistido ao concerto da violonista Giulietta Dionesi, ouviu-se do meio da multidão, que aguardava na calçada, um súbito “viva a Republica”. O Imperador não deu amostras de perturbação e pediu ao delegado que “[...] deixasse aquela gente sossegada. Cada um fizesse o que quisesse [...]” (Schwarcz, 1998, p. 448)

³ Entre outros ver Guimarães e Azevedo (1995), Dutra (1996), Varia História (1997), Veiga (2002).

⁴ O romance *A Capital* foi por mim trabalhado em tese de doutorado defendida em 1994 e posteriormente publicada em livro Veiga (2002) e será em parte aqui retomado.

⁵ O arraial de Belo Horizonte pertencia ao município de Sabará.

⁶ Este procedimento é utilizado pelos autores dos “romances sociais” e “realistas” do século XIX, em especial, Eugène Balzac, dando a seus livros forte impressão de verossimilhança.

⁷ Os dados sobre o autor são muito bem trabalhados, juntamente com outras obras suas, por Regina Horta Duarte (1991) em “A imagem rebelde, a trajetória libertária de Avelino Fóscolo”. Também encontramos informações no prefácio de Eduardo Frieiro na edição aqui utilizada (Fóscolo, 1979).

⁸ Maria Stella Bresciani, ao analisar a configuração da imagem literária produzida a partir das diversas experiências dos autores deste século, chama a atenção para as aproximações entre eles e o sentido dado aos sentimentos ambivalentes produzidos

pela urbanidade, seu sentido assustador e fascinante “[...] de uma perda irrecuperável assumida em nome do progresso [...] Na novidade e na perda, o registro da experiência histórica da transformação: homens anônimos, sem individualidade, agitando-se em obediência a um poder invisível que faz de seus dias um ininterrupto vai e vem de atividades cujo objetivo é a obtenção de um salário ou a reprodução ampliada do capital investido [...] O choque transformado em experiência, portanto mediatizado pelo campo de representações e de imagens formado pelo texto, em especial o literário” (Bresciani, 1986, p. 220).

⁹ Assim define: “A sociologia da experiência social só pode ser uma sociologia dos actores. Ela estuda representações, emoções, condutas e as maneiras como os actores se explicam. Ela é uma sociologia da subjectividade cujos objectos práticos, dados pelas categorias sociais banais, tem todas as probabilidades de surgirem como problemas sociais, como experiências em que as condutas não correspondem às expectativas e aos papéis atribuídos, em que a subjectividade não remete para os modelos das atitudes e das representações propostas” (Dubet, 1994, p. 262).

¹⁰ Constitui importante documentação para análise dos argumentos de época sobre edificações urbanas o relatório dos técnicos (engenheiros e médicos sanitaristas) sobre cada uma das localidades indicadas para construção da Capital. Ver: Comissão d’Estudos das Localidades para a nova Capital. Relatório apresentado a S. EX. o Sr. Dr. Afonso Pena pelo Engenheiro Civil Aarão Reis. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893 (Arquivo Público Mineiro). Também Veiga, 2002.

¹¹ Destacam-se, por exemplo, no Brasil as reformas em cidades como Vitória, Campinas, Santos, Recife, João Pessoa, São Paulo empreendidas pelo engenheiro Saturnino de Brito (ANDRADE, 1992), a reforma no Rio de Janeiro no governo de Pereira Passos (1902-1906) e, no caso europeu, as reformas em Paris, Berlim e Viena.

¹² Para maiores estudos, o clássico de Françoise Choay (1979).

¹³ Os conflitos relativos aos trabalhadores e propriedade são fartamente documentados, por exemplo, na Revista Geral dos Trabalhos (1895-1896) organizada em 2 volumes por iniciativa do próprio Aarão Reis e relativa à movimentação dos membros da Comissão Construtora, mas também na documentação da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (vários ofícios, rascunhos de ofícios e requisições expedidos ao secretário da agricultura e inspetor de terras e colonização) (Arquivo Público Mineiro).

¹⁴ Pseudônimo do português Alfredo Camarate, encarregado dos trabalhos de arquitetura na nova Capital e escrevia no jornal Minas Gerais uma crônica denominada *Por Montes e Vales*, além de contribuir com outros jornais da cidade. A reunião destas crônicas encontra-se na *Revista do Arquivo Publico Mineiro*, ano 1985.